

## Editorial

O número 20 da revista ARTEFILOSOFIA traz uma seleção de textos que foram apresentados no **VII Colóquio Internacional Filosofia e Ficção**, cujo tema foi “**A Arte da Vingança**”. Realizado no Instituto de Filosofia, Artes e Cultura da Universidade Federal de Ouro Preto, em agosto de 2015, o objetivo do colóquio foi reunir pesquisadora/es, pós-graduanda/os e artistas que se ocupam em analisar, decifrar e apresentar as intersecções entre filosofia, psicanálise, literatura e outras formas de artes, para apresentarem reflexões sobre o tema proposto.

Sobre a escolha do tema, lembramos que Vingança, considerada como represália, retaliação, reparação, retribuição, é um desejo e uma ação presentes nas representações do espírito humano desde seus primórdios. Heróis vingativos e heroínas vingativas, tanto divino/as quanto mortais, são figuras constantes no universo mitológico.

No imaginário clássico, com o crime inaugural de Kronos, que castra o pai, Urano, com uma foice fornecida por sua mãe, Gaia, para libertá-la do desejo insaciável do cônjuge e possibilitar que ela dê a luz ao cosmos, vê-se instaurado um interminável ciclo de vinganças: das gotas do sangue de Urano brotam as Erínias, nas palavras de Vernant, “as divindades da vingança pelos crimes cometidos contra consanguíneos. As Erínias representam o ódio, a recordação, a memória do erro, a exigência de que o crime seja castigado” (VERNANT, *O universo, os deuses, os homens*. São Paulo: Cia das Letras, 2000; p.25).

“A mim pertencem a vingança e a recompensa”, são palavras do Deus Javé presentes na Bíblia e na Torah (*Deuteronômio XXXII, 35*). Ao longo de todo o Antigo Testamento, existe um Deus vingador – de maneira parcial, como no caso dos adoradores do bezerro de ouro; contra a totalidade, como aconteceu com os egípcios que, por perseguirem os filhos de Israel, foram todos afogados no Mar Vermelho, e com os habitantes de Sodoma, que pereceram todos. O *Livro de Amós* é uma descrição das terríveis ameaças de vingança de Javé contra os que se deixam levar pela cobiça sem escrúpulos.

Ainda que o cristianismo tenha condenado a vingança – cristãos e cristãs devem oferecer a outra face –, vingar-se é prerrogativa divina mesmo no Novo Testamento: “E Deus não vingaria seus eleitos que por Ele clamam noite e dia? Será que vai fazê-los

esperar? Eu lhes declaro que Deus fará justiça para eles” (*Evangelho segundo São Lucas*, XVIII, 7-8).

A apresentação de um deus intervencionista, fazendo justiça brutalmente, conduz à ideia de que na esfera do divino as injustiças não são esquecidas, ao contrário, são registradas e quando, pelo acúmulo, tornam-se insustentáveis, a “violência divina” explode em vinganças destruidoras. Se, por um lado, um filósofo do porte de Francis Bacon considera a vingança como uma espécie de justiça bárbara (em “Da vingança”, nos *Ensaio*s); por outro, a expressão “violência divina” é dessacralizada e convertida em conceito profano para realizar a justiça como “direito natural” – que Walter Benjamin distingue do direito jurídico, “positivo” (em “Sobre a crítica do poder como violência”). A vingança aparece assim, como uma espécie de justiça, em textos de filósofos contemporâneos como, por exemplo, em Eric Santner (*On Psychotheology of Everyday Life*. Chicago: University of Chicago Press, 2001), Terry Eagleton (*Sweet Violence: The Idea of the Tragic*. Oxford: Blackwell, 2002), Slavoj Žižek (“Divine Violence”, em *Violence*. New York: Picador, 2008). Nesses contextos profanos, a chamada “violência divina” diz respeito a deus no sentido do motto latino “*Vox populi, vox dei*”.

Na dimensão estética, da trágica *Medeia*, de Eurípides, à contemporânea *Beloved*, de Toni Morrison, a vingança é tema recorrente, sobretudo na literatura, permitindo à arte realizar impulsos proibidos, via sublimação e conseqüente catarse. Seja como necessária à justiça, ou como desejo irracional, a vingança e sua representação artística acompanham a história humana. Como se sabe, pulsões recalçadas, reprimidas, não satisfeitas, nem reorientadas ou sublimadas convertem-se em frustração, que facilmente se reconverte em violência. Não se pode impor a uma sociedade um sistema mais racional que os indivíduos que a compõem, é preciso um ajuste – uma espécie de equalização – entre as instituições e os desejos e expectativas dos indivíduos, sob a pena de haver uma rejeição do sistema e explosões de violência vingativas. A dimensão estética desempenha, cada vez mais, esse papel equalizador. Ao dar voz aos “danados da terra”, a própria obra de arte parece poder revelar-se como vingança. Reunimo-nos então para pensarmos sobre essa que já foi considerada a “grande arte”, pelo poeta Arquíloco, no século VII a.C.:

Tenho uma grande arte,  
Eu firo duramente  
Aqueles que me ferem.  
(Fragmento 126 W)

## **Histórico dos colóquios filosofia e ficção**

O primeiro *Colóquio Filosofia e Ficção* ocorreu na Universidade Federal de Ouro Preto, de 27 a 29 de novembro de 2002. Organizado pela Professora Imaculada Kangussu e pelo Professor Olímpio Pimenta, enfatizava a ficção escrita e sua relação com o pensamento filosófico. O segundo foi realizado na Universidade do Estado de Santa Catarina, de 10 a 12 de novembro de 2004. Organizado pela Professora Maria Cecília de Miranda Coelho, concentrou-se na relação entre cinema e filosofia. O terceiro colóquio, sob a organização do Professor Hilan Bensusan, ocorreu na Universidade de Brasília, de 26 a 28 de março de 2007, e destinou-se a pensar o trabalho de construção de imagens nas artes visuais. O quarto colóquio foi realizado na Universidade do Estado do Rio de Janeiro e no Parque Laje, nos dias 14, 15 e 16 de maio de 2009, organizado pelas Professoras Ana Chiara e Ana Lúcia de Oliveira. Enfocou vertentes da linguagem performática e da tematização da *performance*, ligadas à representação do corpo nas diversas artes e na filosofia. Com estas quatro edições, conseguiu-se construir uma comunidade cujos trabalhos refletem sobre aspectos ficcionais das teorias filosóficas e sobre elementos filosóficos da criação ficcional. O quinto colóquio, realizado na Universidade Federal de Goiás (UFG), deu continuidade às atividades do grupo de pesquisadora/es envolvidos, adotando por proposta os conceitos de *Phantasia & Phantasmas*. O VI Colóquio Filosofia e Ficção aconteceu de 06 a 09 de abril de 2013, organizado pelos Professores Hilan Bensusan e Miguel Gally (UnB) e pela Professora Carla Damião (UFG), em Brasília, cidade caracterizada pela utopia do espaço e mais conhecida pelo desejo de sua implantação concreta. Teve como tema “Utopia, acronias e anarqueologias” e textos selecionados foram publicados na revista TRAMA, da Universidade Presbiteriana Mackenzie, em número dedicado ao evento.

Esses treze anos de encontros bianuais nos colóquios, carinhosamente chamados “Colóquios FIFI”, testemunham a relevância de um grupo de intelectuais de diferentes partes do país que visam criar um reconhecimento e valorização da ficção na filosofia, na literatura e nas artes – e vice-versa. Para tanto, nos últimos eventos, contamos com o auxílio de agências financiadoras e dos Programas de Pós-Graduação das Universidades envolvidas na organização. Isso significa, a nosso ver, uma conquista: o reconhecimento da importância de pensarmos problemas contemporâneos tanto na filosofia, quanto nas artes, fazendo uso dos conhecimentos sedimentados nas duas áreas.

Com o desejo de contribuir para a reflexão e o aprofundamento filosófico de tema tão relacionado à arte e à cultura contemporâneas, é com prazer que tornamos pública uma parte expressiva do que foi apresentado no **VII Colóquio Internacional Filosofia e Ficção - A Arte da Vingança**.

Agradecemos à numerosa adesão de colegas, à presença contagiante de estudantes, à generosa colaboração de funcionários e à ajuda financeira da Fapemig e da Capes, responsáveis pelo sucesso do evento. Neste momento sombrio da história de nosso país, vale lembrar, recorrendo à polissemia do verbo, que “vingar é a melhor vingança”.

Carla Milani Damiano e Imaculada Kangussu,  
com ajuda de Ana Chiara e Ana Lúcia de Oliveira